

# A LEITURA DA ANTIGUIDADE CLÁSSICA POR MICHEL FOUCAULT

## THE MICHEL FOUCAULT' READING OF CLASSIC ANTIQUITY

ANDRÉ CONSTANTINO YAZBEK\*

**Resumo:** O artigo trata de observações preliminares sobre o cuidado de si, do conhecimento de si e a leitura de Platão na obra de M.Foucault *A hermenêutica do sujeito*. Pretende-se promover uma breve descrição dos temas do “cuidado de si” e do “conhecimento de si” no pensamento de Foucault e o modo como o filósofo conduzirá a leitura de dois diálogos da obra platônica: a *Apologia de Sócrates* e o *Alcibiades*.

**Palavras-chave:** cuidado de si; conhecimento de si; sujeito; verdade.

**Abstract:** This article consists of preliminary observations about the care of oneself, knowledge of oneself, and readings of Plato in Foucault's *L'herméneutique du sujet*. We conduct a brief description of the subjects “care of oneself” and “knowledge of oneself” in Foucault's thought and the philosopher's reading of the *Apology of Socrates* and *Alcibiades*.

**Keywords:** Care of Oneself; Knowledge of Oneself; Subject; Truth.

### 1. A OBRA FOUCAULTIANA A PARTIR DOS ANOS 1980 E SUA LEITURA DA ANTIGUIDADE CLÁSSICA

Os anos de 1980 representam um ponto de inflexão fundamental na trajetória de Michel Foucault. Desde a publicação de *A vontade de saber* (1976)<sup>1</sup>, primeiro volume de sua *História da sexualidade*, em que o autor expõe aquilo que serviria como um traçado metodológico para os livros seguintes, Foucault permanecerá em um silêncio editorial de oito anos – um hiato que só será rompido com a publicação simultânea dos volumes *O uso dos prazeres*<sup>2</sup> e *O cuidado de si*<sup>3</sup>. No entanto, a aparição destas duas obras marca uma mudança substancial com relação ao projeto original inscrito no primeiro volume do trabalho foucaultiano de “problematização da sexualidade”: o horizonte histórico se dilatará sobremaneira – remontando à Antiguidade greco-romana –, e a “leitura política”, atenta

---

\* André Constantino Yazbek é doutorando na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, bolsita Capes. Email: acyzk@hotmail.com.

<sup>1</sup> FOUCAULT, Michel. *A vontade de saber. História da sexualidade I*. R. Janeiro: Graal, 1988.

<sup>2</sup> FOUCAULT, Michel. *O uso dos prazeres. Idem*. R. Janeiro: Graal, 1984. (vol. 2).

<sup>3</sup> FOUCAULT, Michel. *O cuidado de si. Idem*. R. Janeiro: Graal, 1985. (vol. 3).

aos chamados “dispositivos de poder”, dará lugar a uma “leitura ética” que se debruçará sobre as “práticas de si”. Ao invés de uma “genealogia dos sistemas” – característica das investigações foucaultianas sobre o poder na década de 1970 –, vê-se emergir agora uma “problematização do sujeito”. Para espanto de alguns, Foucault não tardará a afirmar, já em 1982, o seguinte: “Não é o poder, mas sim o sujeito que constitui o tema de minhas pesquisas.”<sup>4</sup>

Assim, se até os anos 1970 a sexualidade interessa a Foucault na medida em que expressa um referencial privilegiado – não o único, portanto – daquilo que ele descreverá como sendo a grande empresa de “normatização” no Ocidente moderno, nos anos 80 o que o autor nos oferece não será mais o sexo como instância reveladora de poder, mas antes a questão do “sujeito” em sua relação com a “verdade”. Em jogo, está a constituição de um “sujeito ético” a partir de uma determinada relação “consigo”. Para encetar esta espécie de “giro de problematização”, Foucault vê-se obrigado a alargar a periodização habitual de suas obras – o estudo da Antiguidade greco-romana se imporá então como a ante-sala do projeto foucaultiano:

“Enquanto Foucault permanecia no estudo dos séculos XVIII-XIX, o sujeito, como que por uma propensão natural, era pensado como o produto objetivo dos sistemas de saber e de poder, o correlato alienado dos dispositivos de saber-poder em que o indivíduo vinha extrair e exaurir uma identidade imposta, exterior, fora da qual não havia salvação senão na loucura, no crime ou na literatura. A partir dos anos oitenta, estudando as técnicas de existência promovidas pela Antiguidade grega e romana, Foucault deixa aparecer uma outra figura do sujeito, não mais constituída, mas constituindo-se através de prática regradas.”<sup>5</sup>

Do “sujeito constituído” ao “sujeito constituindo-se” algo se passou – e Foucault parece estar agora em condições de visualizar com clareza a forma e os efeitos da “relação consigo”: revelam-se então as “técnicas de existência” e as “práticas de si” que antes dormitavam no interior dos “arquivos” relativos aos sistemas de saber e aos dispositivos do poder. O fato é que o silêncio editorial de Foucault ao longo dos anos que separam a publicação de *A vontade de saber* dos dois últimos volumes de sua *História da sexualidade* será preenchido por uma intensa atividade no Collège de France. As aulas proferidas pelo então professor Michel Foucault durante a década de 1980 testemunham uma longa

<sup>4</sup> FOUCAULT, Michel. “Le sujet et le pouvoir”. In : *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, 2001. v. 2, p. 1551. Salvo indicações em contrário, as traduções das obras em língua estrangeira são de responsabilidade exclusiva do autor deste trabalho.

<sup>5</sup> GROS, Frédéric. “Situation du cours”. In: FOUCAULT, Michel. *L’herméneutique du sujet. Cours au Collège de France, 1981-1982*. Édition établie sous la direction de François Ewald et Alessandro Fontana, par Frédéric Gros. Paris: Gallimard/Seuil, 2001, p. 494/495.

maturação conceitual que, sem grande alarde ou ruptura, o conduzirá ao exame das “técnicas de existência” próprias à Antiguidade greco-romana. De 1980 até o ano de sua morte (1984), o filósofo produzirá uma “silenciosa revolução” em seu próprio pensamento, desbravando novos marcos para uma reflexão filosófica sempre atenta à atualidade.

Na impossibilidade de nos determos sistematicamente em cada um dos cursos pronunciados por Foucault na década de 80 – que em seu conjunto perfazem a totalidade do “giro de problematização” ao qual fizemos referência –, optamos por apresentar ao leitor algumas breves considerações preliminares a respeito do curso proferido em 1982, intitulado de *A hermenêutica do sujeito*. Nele, poderemos encontrar a gênese daquilo que nos parece ser um elemento capital para a compreensão do itinerário foucaultiano rumo a uma radicalização da problematização sobre o “sujeito”: o estudo de um “conjunto de práticas” que tiveram importância decisiva na Antiguidade clássica ou tardia, e que concerniam àquilo que os latinos posteriormente traduzirão por *cura sui* – quer dizer, o estudo da noção grega de *epiméleia beautoû*, ou seja, o “cuidado de si”.

Contudo, mesmo o curso de 1982 não será objeto de uma análise sistemática e exaustiva nas páginas que se seguem – após uma breve explanação acerca do escopo geral de *A hermenêutica do sujeito*, serão três os momentos que hão de presidir as nossas pretensões neste artigo, todos eles referidos às primeiras horas do curso: 1) o modo como Foucault procederá à leitura da “Antiguidade Clássica”; 2) em consequência, a maneira como o filósofo fará a leitura de dois textos platônicos – a *Apologia de Sócrates* e o *Alcíbiades*; 3) e, por fim, no âmbito dos elementos já elencados, a contraposição foucaultiana entre “Antiguidade” e “Modernidade” filosófica.

## 2. O CUIDADO DE SI EM *A HERMENÊUTICA DO SUJEITO*

*A hermenêutica do sujeito* se constitui em uma série de reflexões e explicações acerca dos diversos aspectos das “técnicas de si” na Antiguidade, agora desvinculadas do enquadramento particular dos regimes de comportamentos e prazeres sexuais da Antiguidade (o regime dos *aphrodisía*). Destarte, no curso de 1982, Foucault abandona o tema da sexualidade enquanto base privilegiada de investigação e se atém aos “processos de subjetivação” considerados em si mesmos. Como se sabe, não se trata tanto de construir uma apresentação doutrinal da filosofia helenística ou romana, mas sim de realizar o estabelecimento de cortes transversais nas diferentes “escolas filosóficas” da Antiguidade – sempre à guisa de estabelecer marcos a partir dos quais se possa pensar uma atualidade polí-

tica, moral e filosófica. Neste sentido, é de uma genealogia que se trata, isto é, de uma condução da análise feita a partir de uma questão presente<sup>6</sup>. A “questão presente”, neste caso, será aquela relativa às “constituições de si”; a “condução da análise”, por seu turno, será feita com vistas a uma reflexão acerca do cuidado de si – seguindo um percurso que vai de Platão até os filósofos epicuristas e estoicos dos séculos I e II da era cristã. Como contraponto ao tema do cuidado de si, a análise foucaultiana recairá também sobre o tema do “conhecimento de si”, elemento clássico da tradição filosófica ocidental<sup>7</sup>.

Assim, lembrando aos seus ouvintes que doravante o eixo fundamental de sua pesquisa será a relação entre “sujeito” e “verdade”<sup>8</sup>, Foucault reconstitui as origens históricas dos dois conceitos – “cuidado de si” e “conhecimento de si” –, pontuando com vigor o fato de que, em sua origem, o preceito délfico do “conhece-te a ti mesmo” estava subordinado à dimensão do “ocupar-se consigo”:

“Qualquer que seja, efetivamente, o sentido dado e atribuído no culto de Apolo ao preceito délfico ‘conhece-te a ti mesmo’, é fato, parece-me, que, quando este preceito délfico, o *gnôthi seautón*, aparece na filosofia, no pensamento filosófico, aparece, como sabemos, em torno do personagem de Sócrates. (...) Ora, quando surge este preceito délfico (*gnôthi seautón*), ele está, algumas vezes e de maneira muito significativa, acoplado, atrelado ao princípio do ‘cuida de ti mesmo’ (*epiméleia heautoû*). (...) De fato, não se trata totalmente de um acoplamento. Em alguns textos, aos quais teremos a ocasião de retornar, é bem mais como uma espécie de subordinação relativamente ao preceito do cuidado de si que se formula a regra ‘conhece-te a ti mesmo.’”<sup>9</sup>

<sup>6</sup> “Je pars d’une problème dans les termes où il se pose actuellement et j’essaie d’en faire la généalogie. Généalogie veut dire que je mène l’analyse à partir d’une question présente”. C.f.: FOUCAULT, Michel. “Le souci de la vérité”. In: *Dits et écrits*. Op. cit. v.2, p. 1493.

<sup>7</sup> Faz-se necessário, aqui, um breve esclarecimento: apesar de iniciar o curso de 1982 apoiando-se na idéia de que Sócrates seria antes o homem do “cuidado de si” do que do “conhecimento de si”, por uma série de razões que não convém repertoriar neste breve artigo, as demais horas do curso serão dedicadas não aos textos de Platão propriamente ditos, mas sim aos textos do período helenístico e romano – essencialmente, passagens da obra de Epicuro, Epiteto, Marco Aurélio e Sêneca. No quadro de nossas pretensões manifestas, basta apenas sublinhar que Foucault as estuda de modo meticuloso para mostrar o quanto esses autores seriam representativos de uma certa “(...) exacerbação da injunção socrática do cuidado de si.” C.f.: GROS, Frédéric – “A propos de l’herméneutique du sujet”. In: BLANC, Guillaume le & TERREL, Jean (org.). *Foucault au Collège de France: un itinéraire*. Bordeaux: Presses Universitaires de Bordeaux, 2003, p.156.

<sup>8</sup> FOUCAULT, Michel. *L’herméneutique du sujet. Cours au Collège de France, 1981-1982*. Édition établie sous la direction de François Ewald et Alessandro Fontana, par Frédéric Gros. Paris: Gallimard/Seuil, p. 3/4.

<sup>9</sup> *Op. cit.*, p. 6.

Destarte, é no âmbito do cuidado de si que se pode claramente divisar a formulação do preceito “conhece-te a ti mesmo” – o *gnôthi seautón* se circunscreveria, então, como uma das formas assumidas pelo imperativo de preocupar-se consigo. Nessa medida, a *epiméleia beautoú* designaria um conjunto de práticas no interior das quais o “conhecimento em geral” e o “conhecimento de si” assumiriam uma função regional. Bem entendido, isto significa que o cuidado de si seria constitutivo do princípio fundamental que caracterizaria não somente uma “atitude teórica” que teria perdurado durante quase toda a cultura grega, helenística e romana, mas também, e sobretudo, uma “forma de atividade”, ou seja, uma “ocupação regrada”:

“(…) mesmo que se tenha tornado um princípio filosófico, o cuidado de si permaneceu como uma forma de atividade. O termo mesmo *épiméleia* não designa simplesmente uma atitude de consciência ou uma forma de atenção que se voltaria sobre si mesmo; ele designa uma ocupação regrada, um trabalho que possui seus procedimentos e seus objetivos. (...) Seria preciso compreender que, quando os filósofos e moralistas recomendam que se cuide de si (*epiméleisthai beautoú*), eles não aconselham simplesmente que se faça atenção a si mesmo, que se evite as faltas ou os perigos, ou que se permaneça abrigado. Eles se referem a todo um domínio de atividades complexas e regradas.”<sup>10</sup>

Posto o problema do “conhecimento” em geral e do “conhecimento de si” nos marcos do princípio segundo o qual é preciso “ocupar-se consigo”, é toda uma história descontínua, cindida, “*brisée*”, que Foucault pretende trazer à luz. Com efeito, é ela que marca o entrelaçamento e a co-determinação permanente do saber concernente ao sujeito e das práticas através das quais este mesmo sujeito se constitui, se trabalha, se elabora e se coloca à prova. Desta perspectiva, é no âmbito das formas historicamente determinadas da “prática de si” que devemos procurar a inteligibilidade e o princípio de análise das diferentes formas de “conhecimento de si”. É sob este diapasão que Foucault fará sua leitura da Antiguidade.

### 3. A LEITURA DA *APOLOGIA* E DO *ALCIBIADES* DE PLATÃO

Segundo Foucault, é precisamente na *Apologia* de Platão que se pode encontrar uma das figuras exemplares para a análise do preceito do “cuidado de si” na Antiguidade: Sócrates. É ele, com efeito, que personifica de forma explícita a questão do “ocupar-se consigo” na Grécia clássica. É ele quem interpela a todos e a cada um para lhes dizer que eles se ocupam demais com riquezas, reputações e honrarias, mas que pouco se ocupam com as virtudes e com suas

<sup>10</sup> *Op. cit.*, p. 475.

próprias almas. É Sócrates, ainda, aquele que diante dos juízes e em sua defesa não hesita em se apresentar justamente como um “mestre do cuidado de si”, quer dizer, como aquele que “(...) essencialmente, fundamental e originariamente, tem por função, ofício e encargo incitar os outros a se ocuparem consigo mesmos, a terem cuidado consigo e a não descurarem de si”<sup>11</sup>. Neste contexto, sempre tendo em vista o texto da *Apologia*, Foucault pretende sublinhar três elementos importantes contidos na tarefa socrática de velar para que os cidadãos se ocupem de si mesmos: 1) trata-se de uma missão confiada ao filósofo pelos deuses; 2) trata-se de uma tarefa absolutamente desinteressada – não se espera nenhuma retribuição em troca dela; 3) trata-se de uma função extremamente útil para a cidade, posto que, incitando os cidadãos a se ocuparem antes consigo mesmos do que com os seus negócios pessoais, o filósofo os leva a se ocuparem da própria comunidade<sup>12</sup>.

Não obstante, já no texto platônico algo se faz sentir – e o “cuidado de si” parece encontrar a sua forma absolutamente soberana e sua plena realização no “conhecimento de si”. Desta feita, a análise foucaultiana recairá sobre o *Alcibiades* de Platão – lugar de emergência original do tema do cuidado de si como o “fundamento” a partir do qual se justifica o preceito do “conhece-te a ti mesmo”<sup>13</sup>. Note-se bem: se, como afirma Foucault, o “(...) ponto de partida para um estudo consagrado ao tema do cuidado de si é naturalmente *Alcibiades*”<sup>14</sup>, isso se deve sobretudo ao fato de que o texto platônico oferece a ocasião para que se possa sublinhar o quanto a questão do “cuidado” e do “conhecimento” está, desde as origens, ligada à questão da política e da “governamentalidade”. Alcibiades, cujo *status* social confere privilégios ancestrais, que teve por tutor ninguém menos que Péricles e que, além de possuir uma avultada fortuna, ainda ostenta uma beleza invejável, chegou ao ponto crítico de sua trajetória: quer tomar nas mãos o destino da cidade, quer governá-la, transformando seu *status* privilegiado em ação política – ele agora quer se voltar para o “governo dos outros”<sup>15</sup>.

É neste momento que Sócrates, “ouvindo o deus que lhe inspira”, decide dirigir a palavra a Alcibiades – até então, diferentemente de outros de seus enamorados, Sócrates jamais o abordara. Ora, é no momento em que a intenção de “governar os outros” começa a tomar forma para Alcibiades que Sócrates intervém. Para governar a cidade, Alcibiades terá que enfrentar duas espécies de

<sup>11</sup> *Op. cit.*, p. 7.

<sup>12</sup> *Idem ibidem*, p. 473.

<sup>13</sup> *Idem ibidem*, p. 10.

<sup>14</sup> *Idem ibidem*, p. 475.

<sup>15</sup> *Idem ibidem*, p. 34.

rivais: a) os rivais internos, pois ele não é o único que deseja governar; b) os rivais externos, quer dizer, os inimigos da cidade – com efeito, há que se defrontar com os Espartanos e com o Império Persa. Pois bem, dirá Sócrates, nestas condições – se queres mesmo governar a cidade – há que se fazer algumas comparações: queres entrar na vida política, governar a cidade, mas, para tanto, é preciso medir forças com teus rivais. Alcibiades não tem a mesma riqueza e nem a mesma educação destes. Neste momento, é preciso que Alcibiades reflita sobre si mesmo, que “conheças a si mesmo” – e, em o fazendo, que aproveite de sua juventude para “ocupar-se consigo”, a fim de estar à altura da tarefa de governar. Ora, é justamente neste ponto que Foucault constata aquilo que seria uma característica fundamental da tradição platônica e neo-platônica no tocante ao tema do “cuidado de si”:

“Portanto, se podemos dizer que, pelos problemas que coloca, o *Alcibiades* descerra uma longa história [do tema do cuidado de si], mostra ao mesmo tempo qual é, no decurso deste período, a solução propriamente platônica ou propriamente neoplatônica que será fornecida a estes problemas [relação com a erótica, com a pedagogia e com a política]. Com efeito, parece-me que o que caracterizará o cuidado de si na tradição platônica e neo-platônica é (...) que o cuidado de si encontra a sua forma – forma esta, senão única, absolutamente soberana – e sua realização no conhecimento de si.”<sup>16</sup>

Até o momento, contudo, o princípio do “cuidado de si” ainda não está totalmente ofuscado pelo “conhecimento de si” – como o é para o nosso olhar contemporâneo. Ainda aqui, ao menos o apelo recíproco entre ambos se faz bem audível. Será preciso esperar pela “modernidade filosófica”, ponto capital para o rompimento total do vínculo entre o “cuidar-te de ti mesmo” e o “conhecer-te a ti mesmo”.

#### 4. “ESPIRITUALIDADE” E “FILOSOFIA”: DA ANTIGUIDADE À MODERNIDADE

Assim, se em seu nascedouro – quando do “momento socrático-platônico” – o cuidado de si desfrutava de privilégio e precedência com relação ao conhecimento de si, desde os momentos inaugurais da “modernidade filosófica” – desde o “momento cartesiano”, portanto – a relação se inverterá por completo. Não se verificará nem mesmo uma imbricação recíproca entre eles, mas a pura e simples desconsideração da noção de “cuidado de si” no âmbito da filosofia ocidental moderna. O “momento cartesiano” – que, grife-se, não se refere estritamente a Descartes, mas sim ao período moderno da “história da verda-

<sup>16</sup> *Op. cit.*, p. 75.

de” – não só requalificou o “conhece-te a ti mesmo” como também contribuiu do modo inestimável para a desqualificação do princípio do cuidado de si. Este é o momento em que a “filosofia” se desarticula por completo daquilo que Foucault chamará de “espiritualidade”:

“Chamemos ‘filosofia’ a forma de pensamento que se interroga sobre o que permite ao sujeito ter acesso à verdade, forma de pensamento que tenta determinar as condições e os limites do acesso do sujeito à verdade. Pois bem, se a isto chamarmos ‘filosofia’, creio que poderíamos chamar de ‘espiritualidade’ a busca, a prática, as experiências através das quais o sujeito opera sobre si mesmo as transformações necessárias para obter acesso à verdade. Chamaremos então ‘espiritualidade’ o conjunto de buscas, práticas e experiências tais como as purificações, as ascèses, as renúncias, as conversões do olhar, as modificações das existências etc., que constituem, não para o conhecimento, mas para o sujeito, para o ser mesmo do sujeito, o preço a pagar para ter acesso à verdade.”<sup>17</sup>

Do ponto de vista da “espiritualidade”, a verdade jamais é dada de pleno direito ao sujeito, de modo que não basta o puro e simples “ato do conhecimento” para que ela lhe seja entregue – para atingi-la, é preciso realizar uma conversão do próprio sujeito, isto é, ele próprio deve se deslocar, tornar-se, de certo modo, “outro que não ele”. Por conseqüência, a “espiritualidade” postula que o acesso à verdade não produz tão somente os efeitos que seriam caudatários do procedimento realizado pelo sujeito em sua ascese, mas sim – e sobretudo – efeitos que o “completam” em seu ser. Trata-se, conforme Foucault, de um “retorno” da verdade sobre o sujeito: a verdade não seria simplesmente uma recompensa dada ao sujeito como reconhecimento pelo seu “ato de conhecer”, mas algo que o “preenche” e, por isso mesmo, o transfigura – e note-se que não se trata aqui de uma simples transformação do “indivíduo”, mas sim de uma transformação ontológica do sujeito<sup>18</sup>. Neste contexto – que é justamente aquele da Antiguidade clássica –, a questão “filosófica” do “como ter acesso à verdade” jamais se separou da prática da “espiritualidade”.

No entanto, ao elaborar uma figura do sujeito enquanto intrinsecamente capaz de “verdade”, a “filosofia” – em sua feição propriamente moderna – dotará o conhecimento de si de um peso e uma centralidade inaudíveis até então, desarticulando-o da exigência de uma transformação do ser do sujeito. Isto significa que, ao contrário do que ocorria na Antiguidade, o acesso a uma verdade não depende mais de um trabalho interior de ordem ética, não depende mais da ascese, da purificação. Antes de qualquer coisa, diz-nos Foucault, neste momento pode-se enxergar a emergência de um sujeito que é predominantemente “sujei-

<sup>17</sup> *Op. cit.*, p. 16/17.

<sup>18</sup> *Idem ibidem*, p. 18.



to de conhecimento” e apenas acessoriamente “sujeito ético” – trata-se do momento inaugural da “idade moderna da história da verdade”, nela, o conhecimento de si goza de todos os privilégios:

“(…) entramos na idade moderna (quero dizer, a história da verdade entrou em seu período moderno) no dia em que admitimos que o que dá acesso à verdade, as condições segundo as quais o sujeito pode ter acesso à verdade, é o conhecimento e tão somente o conhecimento. (...) Creio que a idade moderna da história da verdade começa no momento em que o que permite aceder ao verdadeiro é o próprio conhecimento e somente ele. Isto é, no momento em que o filósofo (ou o sábio, ou simplesmente aquele que busca a verdade), sem que mais nada lhe seja solicitado, sem que seu ser de sujeito deva ser modificado ou alterado, é capaz, em si mesmo e unicamente por seus atos de conhecimento, de reconhecer a verdade e a ela ter acesso.”<sup>19</sup>

Enquanto que o cuidado de si, para a Antiguidade, se articula a um ideal de estabelecimento de uma certa retidão prescritiva entre ações e pensamentos no âmbito das “relações consigo mesmo”, de modo que o “sábio” será medido pelo empenho com que torna legível em seus atos a retidão de sua “filosofia”, ao alvorecer do “modo moderno de subjetivação” a constituição de “si” será articulada a uma tentativa de “conhecer a si mesmo” – esforço que visa não mais do que a mera redução da distância entre aquilo que eu verdadeiramente sou e aquilo que julgo ser. Doravante, o acesso à verdade nada mais encontrará no conhecimento que não o próprio caminho indefinido das “coisas” ainda por conhecer. O conhecimento simplesmente se abrirá para a dimensão indefinida de um progresso cujo único benefício se assenta no acúmulo de mais e mais conhecimento – a partir de então, a verdade não será mais capaz de “salvar o sujeito”.

Destarte, ao menos na perspectiva de uma “genealogia” das relações do “sujeito com a verdade”, o que sustenta a oposição entre “sujeito antigo” e “sujeito moderno” é a relação de subordinação do cuidado de si em face do conhecimento. É neste enquadramento geral, portanto, que se deve tomar em consideração a análise foucaultiana acerca da Antiguidade nas primeiras horas de *A hermenêutica do sujeito*. O curso de 1982 implica a problemática do cuidado de si na medida em que, com ela, pode-se vislumbrar a questão das “técnicas de existência” naquilo que as caracterizam enquanto linhas divisórias no emaranhado genealógico da historicidade das constituições filosóficas do sujeito. Por esta via, Foucault leva a termo a oposição entre o “sujeito de verdade” e o “sujeito da verdade” – se o primeiro corresponde àquele que o autor pretende reencontrar a partir do estudo dos textos clássicos da antiguidade greco-romana, o segundo se apresenta justamente como aquele que será consagrado pela “filosofia mo-

<sup>19</sup> *Op. cit.*, p. 19.

terna”: de Descartes a Kant, passando ainda por Husserl e pela fenomenologia, trata-se de um “sujeito” definido como sendo *a priori* capaz de “verdade”.

E se, como dirá Foucault, o desafio que toda a “história do pensamento” deve suscitar está precisamente em apreender o momento em que um “fenômeno cultural” irrompe-se em “acontecimento” decisivo para a compreensão da atualidade<sup>20</sup>, então se pode aquilatar perfeitamente a importância da temática do vínculo entre cuidado de si e conhecimento de si em *A hermenêutica do sujeito*: a quebra da articulação entre o acesso à verdade e a exigência de uma transformação do ser do sujeito engendra não menos que o próprio “sujeito moderno”, para o qual o acesso a uma verdade não depende mais do efeito de um trabalho interior de ordem ética – doravante, diz-nos Foucault, “(...) posso ser imoral e conhecer a verdade.”<sup>21</sup>

## BIBLIOGRAFIA

- FOUCAULT, Michel. O cuidado de si. In: \_\_\_\_\_. História da sexualidade. Rio de Janeiro: Graal, 1985. v.3.
- \_\_\_\_\_. *L'herméneutique du sujet. Cours au Collège de France, 1981-1982*. Édition établie sous la direction de François Ewald et Alessandro Fontana, par Frédéric Gros. Paris: Gallimard/Seuil, 2001.
- \_\_\_\_\_. “À propos de la généalogie de l'éthique”. In: \_\_\_\_\_. *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, 2001. v.2.
- \_\_\_\_\_. “Le souci de la vérité”. In: \_\_\_\_\_. *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, 2001. v.2.
- \_\_\_\_\_. O uso dos prazeres. História da sexualidade. v. 2. R. Janeiro: Graal, 1984.
- \_\_\_\_\_. A vontade de saber. História da sexualidade. v. 2. R. Janeiro: Graal, 1988.
- GROS, Frédéric. “Situation du cours”. In: FOUCAULT, Michel. *L'herméneutique du sujet. Cours au Collège de France, 1981-1982*. Édition établie sous la direction de François Ewald et Alessandro Fontana, par Frédéric Gros. Paris: Gallimard/Seuil, 2001.
- \_\_\_\_\_. “À propos de l'herméneutique du sujet”. In: BLANC, Guillaume le & TERREL, Jean (org.) – *Foucault au Collège de France: un itinéraire*. PUF, 2003.

[recebido em novembro 2005; aceito em julho 2007]

<sup>20</sup> *Op. cit.*, p. 11.

<sup>21</sup> FOUCAULT, M. “À propos de la généalogie de l'éthique”. *Dits et écrits*. v. 2, p. 1230.